

Carlos Brück*

Saber fazer/fazer saber

O humor impõe um lugar ao castelo do significante. Necessariamente, estas linhas começam com essa imagem porque, a seu modo, o humor tem a qualidade de enfrentar um processo subjetivo que os analistas chamamos a infelicidade da vida cotidiana. Uma situação que não se alivia com o voluntarismo de convencer a um sujeito aferrado a seu padecimento. Essa infelicidade que lhe permitiu circular com a bengala da queixa como se fosse seu cartão de visita.

Ao contrário, o humor é uma permanente falta de respeito a esse cartão de papel rígido e letras sombrias que se supõe, faz parte das melhores vestimentas com que, em certas ocasiões, a neurose circula nas sessões. Se esse cartão é um hábito que está relacionado com a solenidade, ao contrário o humor não tem nenhuma relação com a frivolidade ou a falta de consideração pelos afetos do analisante.

Nesse sentido, o humor é exemplar, é um modo de intervenção, nunca um modo de vida do psicanalista em seu consultório. Corresponde-lhe, em direção à cura, a clareza de não permitir tornar ainda mais consistente aquilo que poderia ter mais leveza ou alívio.

Também, neste sentido, o humor é uma intervenção de corte sobre o apego a um significado, à maneira que Cyrano de Bergerac andava pelo mundo, entristecido por sua aparência, ou ao que, muitos anos antes, Quevedo descreveu impecavelmente de forma gráfica

como um homem pegado a um nariz. O humor propõe então o corte dessa sutura, desse apego do sujeito a uma particular maneira de gozar.

Em uma ocasião em que um analisante não deixava de recorrer às vicissitudes de seu passado (no que Lacan chamaria talvez de bodas taciturnas), meu único comentário foi: “Pareceria que você se entretém passeando pelo panteão familiar”. Ao desconcerto inicial por não ter levado a sério o que ele propunha, se seguiu uma re-colocação de seu transcorrer, de sua dramática. Esse termo pouco tem a ver, ao contrário, com o drama, um gênero que exclui qualquer outra forma de transitar pela vida.

Pouco depois, ficou claro para mim que minha intervenção tinha uma filiação com aquele relato freudiano destes dois sujeitos, pobres de toda pobreza, que visitam o mausoléu mortuário da família Rothschild. Frente à exibição de tanto mármore, colunas, trombetas com o melhor bronze e inscrições douradas, um diz ao outro: “Isto é vida!”

Minha intervenção nesta sessão não foi original, no mais equívoco sentido da palavra, senão que se sustentou na singularidade, mas, principalmente, na possibilidade e na oportunidade de fazer girar em alguma outra direção o que já estava excessivamente suposto pelo analisante.

E se em minha intervenção estava me encontrando implicitamente com Freud, vamos

cutórios; ao tolerar reconhecer que eu posso não poder, possibilita-se em ambos algo como uma elaboração da angústia primitiva de castração, contorna-se o limite da onipotência/impotência, tolerando-se a ferida narcísica da incompletude e impotência. Não por gosto, o humor nos permite rir de alguma situação na que simultaneamente estamos penosamente aprisionados.

Outro exemplo ocorre quando cumprimento uma paciente e a chamo por outro nome; ela me responde, com ironia: “Nem vou começar se você não sabe quem sou”. Aceitando o lapso e tolerando meu erro lhe respondo: “Bom, mas não é tão ruim porque ainda sei quem sou eu”.

Vemos aqui como é a paciente que recorre ao humor irônico, contendo suas pressões narcisistas e ansiedades confusionais. Neste caso, o vínculo analítico prévio se oferece como um apoio, que me permite aceder a uma intervenção de que ainda não perdi, a noção de mim, deixando entrever nas entrelinhas que também poderia perdê-la e ser um caos total.

A palavra humorística revela o que ainda poderia ser pior: perder-se a noção de si, estar na loucura. Ambas rimos, eludindo uma das angústias essenciais: o temor à loucura, que encobre, por sua vez, o temor à morte. Adicionalmente, aquele momento de humor compartilhado na sessão possibilitou, por sua vez, a emergência do *insight*, associando mais adiante uma profunda rivalidade com uma de suas irmãs, a mais parecida com ela fisicamente: sentia que esta irmã a copiava, roubava suas experiências, interferia em seus vínculos, tentando ser um clone.

O que essas histórias têm em comum? Apesar de estarem descontextualizadas da sessão e da história, em (todas) elas pode se perceber a relação, o vínculo intersubjetivo e como os dois personagens em ação compartilharam uma imagem particular, comum somente a eles nessa situação específica.

A analista empregou seu senso de humor

dirigindo-o para ela mesma: no entanto, teve um efeito imediato nos pacientes porque possibilitou uma transformação das emoções negativas que estavam envolvendo a relação nesse momento, criando-se um espaço comum de apoio. A interpretação humorística permitiu tolerar melhor os efeitos desprazerosos em ambos, sem negá-los, convertendo um momento de tensão e desencontro em uma possibilidade de vínculo e *insight*.

A correta captação empática do analista produz uma íntima e profunda comunicação mútua, nos diz Yampey (1983), por isso as interpretações com humor são decisivamente operantes e mutativas.

Acredito que, quando, por meio do vínculo analítico, pode-se transformar uma relação transferencial de natureza persecutória, é quando pode surgir o humor em seus múltiplos matizes. A capacidade para o brincar e a sublimação se interconectam graças ao humor, que é o brincar do adulto com palavras.

Referências

- Pasquali, G. (1988). Algunas anotaciones sobre el humor en el psicoanálisis. *Libro Anual de Psicoanálisis*, 3, 173-178.
- Yampey, N. (1983). Acerca del humor y el insight. *Revista de Psicoanálisis*, 40 (56), 1173-1181.

* Presidente de la Fundación Proyecto al Sur.

Daniel Rodríguez*

O humor e seu lugar na cultura atual

buscá-lo em um lugar preciso fora de toda literalidade, quando mais de uma vez lhe ocorre que o humor é o único meio no qual o Superego se permite dizer ao sujeito, palavra mais, palavra menos, que a vida pode ser parecida a uma brincadeira de crianças, sem a esmagadora carga do Eu Ideal.

Por isto, é preciso levar em consideração a multiplicidade de semblantes que podem se mostrar descartando a esmagadora rigidez caraterial. Essa que (e me permito um toque de humor) fez com que os dinossauros fossem tão pesados que só lhes restou o destino de ser petróleo.

Nos termos freudianos, ainda que nunca tivesse sido dito assim, há uma frase que é a operatória do humor: “Não é para tanto”. E sem desestimar, cortar o mal pela raiz. Deixemos de lado qualquer controvérsia sobre o que é a raiz para pôr em primeiro plano a questão do corte.

Como ocorreu a um jovem que supunha que sua vida devia obedecer a certos cânones do romanticismo: deveria viver com desolação a vida cotidiana, já que ele supunha que isso poderia ser fascinante para o legado materno que tinha recebido. “Faltaria a você colocar pó de arroz na face para que esteja tão *pálida*¹ como a que você conta”. Um silêncio e uma gargalhada imprevista foram o sinal de que algo tinha acertado no alvo. Algo a ver com o *saber fazer* do humor que assim, sem aviso, daria lugar a uma frase que circulou de diversas maneiras, sugerindo que se não se pode mudar o país, será necessário mudar de conversa.

Isto não implica nem resignação nem acomodação, mas sim advertir que *esse país* pode ter fronteiras móveis e outros gozos que não os escolhidos pelo sujeito para sua própria mortificação.

É nesta delgada linha que o humor faz seu trabalho, afirmando que se o *parletre* se esforçar para atribuir sentido, há (como provavelmente dirá Freud) uma outra coisa e algo mais que uma via única para isso.

E, voltando ao único não tão único, minhas incursões e meu interesse em conceitualizar o humor surgiram ao ler uma vez mais a Freud. Em diferentes momentos – que, da mesma forma que esta seção, poderíamos chamar de vórtice – ele refere sua atração pelo idioma espanhol como ponta de lança para ler o Quixote e, principalmente, divertir-se com as andanças daquele Fidalgo que, com um penico como elmo, atropelaria moinhos de vento.

Este sorriso do Mestre fez minha leitura se voltar para outro lugar, mudou certo tédio escolar que tinha ocorrido quando, sendo uma criança, sua leitura me foi imposta, e lhe deu uma volta. Compreendi nessa revisão, que o livro de Cervantes era uma fina ironia sobre os Cavaleiros da Távola Redonda e que, nessa ironia, nesse distanciamento que o humor impunha, também se propunha a falta de respeito por aquilo que tinha se consagrado com a varinha de professores e professoras.

E que não era para tanto.

E que, logicamente, havia outras formas de enfrentar a angústia quando algo declinava, fosse a Missão como nos tempos de Sir Gawain ou Lancelot, ou, entre nós, as versões do nome do Pai.

Está claro que frente ao luto e à melancolia podem se requerer também outros artifícios, mas o humor – e em nossa clínica – é um dos recursos para confrontar a angústia quando ela emerge, *anfíbia*, da maré do Real.

Referências

- Brück, D. e Díaz, G. (1988). *Acerca del humor: Anotaciones, conversaciones, fragmentos*. Buenos Aires: Tekne.
- Doolittle, H. (1979). Escrito en la pared. Em H. Doolittle, *Tributo a Freud (cartas)*. Buenos Aires: Schapire.
- Freud, S. (1969). *Cartas a la novia*. Buenos Aires: Tusquets.
- Lacan, J. (2006). *El seminario de Jacques Lacan, libro 23: El sinthome*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1976).
- Rudy. (2001). *Freud más o menos explícito*. Buenos Aires: Planeta.

Etimologicamente, a palavra *humor* tem duas origens históricas, biológico-hormonais: uma latina, na qual os termos *humor* e *humoris* aludem ao líquido e à umidade, e outra da medicina grega, que suporia a existência de quatro líquidos – sangue, bílis amarela, bílis negra e fleuma –, e seu equilíbrio determinaria um bom humor no sujeito, enquanto que com o aumento da bílis negra, o sujeito experimentaria pessimismo e tristeza.

Em contraposição, Freud desenvolveu a temática do humor a partir do ponto de vista psicanalítico e suas tópicas, segundo o qual o equilíbrio entre ego e o superego permitiria tomar distância das determinantes aparentemente genéticas antes mencionadas, guardando mais relação com a criação, o desenvolvimento e a inserção social do ser humano.

Esta posição permite revisar a relação que vai se dando entre o humor e diferentes concepções da vida comunitária, como para começar a pensar que o humor teria que ser considerado, como disse e escrevi alguma vez, uma “coisa séria” (Rodríguez, 2005).

Humor e pensamento crítico

Começando com a relação pensamento único/pensamento crítico, vamos nos referir à

questão do duplo sentido que pode ter uma palavra, tal como Freud o propôs em um de seus escritos referidos ao chiste no qual nos mostrava como algo expresso conscientemente pode ter outro significado profundo, e assim percebemos como o humor guarda mais relação com o pensamento crítico que com o pensamento único que apaga diferenças forçando falsas uniformidades.

Em um chiste útil para o tema, falaremos de um jovem ao que denominavam “primeiro neto”, por sua compulsão por perseguir as mulheres de sua cidade. Quando alguém perguntou sobre a razão do apelido, responderam que, da mesma forma que os netos, ele sempre estava “*alzado*”¹. Rir supõe conhecer a dupla significação da palavra *alzado* nessa cidade, a saber: excitação sexual de um sujeito/cuidados de um bebê.

Em outro exemplo, surgido em um curso sobre problemáticas de gênero, ocorreu uma situação que nos será útil. Nela um docente utilizou uma ilustração que apresentava uma cena que transcorria em uma estação de trem onde um homem e uma mulher, de mãos dadas, se despediam dizendo:

–Você vai sentir saudades de mim, meu amor?
–Vou tentar.

* Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.

1. N. do T.: Em espanhol, neste contexto, a palavra “*alzado*” tanto pode significar cuidar de um bebê, levá-lo no colo, como estar excitado sexualmente.

1. N. do T.: Na região do Rio da Prata, a palavra “*pálida*”, em linguagem coloquial, se refere a história triste.